

EDITORIAL

Crono, Cronos, Chrónos, khrónos: lições do tempo

De letra a letra, Cronos translitera introduzindo um jogo possível na linguagem da realidade do mito antigo via diferentes grafias. Isso repercute no discurso mítico, diferindo-o, sob a aparente homofonia, num primeiro tempo. Mas o segundo tempo mostra-se um momento de percepção temporal fecundado por manifestações culturais. Na mitologia grega, estabelece-se tal homofonia, que, na verdade, resguarda dissociações de imagens e de sentidos, pois *Chronos* ou *Khrónos* significaria “o Tempo que tudo devora”, alimentando uma experiência saturnina, melancólica, enquanto *Cronos* ou *Krónos*, também chamado Aion, segundo Jung, corresponderia ao “Tempo infinito e a longa duração”.

O que resistiria de *Chronos* e de *Cronos* na contemporaneidade? Diríamos que uma arquivística e um processo de remissão etimológica em palavras como cronologia, crônico, crônica, que na língua portuguesa remete a Cronos. Na língua inglesa, entretanto as mesmas palavras recebem a etimologia *khrónos*: *chronology*, *chronic*. Poderíamos até afirmar que, nesse aspecto, essas palavras constituem-se em *corpse*s, equivalentes a cadáveres, o que permitiria supor que o tempo morreu para dar lugar à letra.

Por um lado, o tempo é experimentado como abjeto, ao participar dos limites e da finitude do universo humano. Por outro lado, “o tempo não pára”, na ironia poética de Cazuzu. Novos mitos do tempo podem ser inventados... No curso do tempo. E do Cronos dos gregos à Revista CRONOS, faz-se a reinscrição do tempo como tempo da escrita, em jogo pela leitura a que esta se destina. Sob o signo de Cronos, esta publicação acolhe o discurso acadêmico em ordenação temporal e uma qualidade incontestada de suas matérias. A cada número se renova – pela evocação – o mito.

Palavras gregas que evocam mitos, e convidam à reflexão sobre a base de toda realidade. Esse olhar para além do visível à primeira vista é o que norteia, ou, melhor dizendo, “meridioniza”, esta revista. Sendo assim, faltava em sua coleção de dossiês, um que refletisse sobre o tema do mito. Coube a nós, do grupo de pesquisa *Mythos-Logos: Religião, Mito e Espiritualidade*, a tarefa de dar a abertura nessa infinita discussão.

Em nossa convocação, enfatizamos que não se tratava de um dossiê sobre a relação da religião com o mito, “mas de artigos sobre a religião e artigos sobre o mito, podendo ou não haver uma relação entre os temas”. Isso ficou bastante claro para os autores que enviaram trabalhos para o Dossiê. Após as devidas avaliações, selecionamos oito artigos.

O primeiro artigo “*Linguagem, mito e ciência: poiésis & poiésis*” não passou pelo processo de avaliação, pois foi fruto de um convite que fizemos à Profa. Maria Conceição de Almeida, para transformar sua preleção inaugural do Grupo de Pesquisa Mythos-Logos, em 2009 num artigo. Ela

nos pediu que seu trabalho fosse escrito a quatro mãos, o que foi feito, à escolha dela, pela Profa. Ilza Matias de Sousa, que integra este dossiê como poderá ser constatado. O artigo “*Evangelismo e Participação em Natal/RN*”, que também teve a participação de um dos editores havia sido submetido e aprovado antes do Dossiê, mas ficou aguardando a realização do mesmo.

Tivemos a participação de autores internacionais em nosso Dossiê, com a presença dos portugueses Alberto Filipe Araújo, Iduína Mont’Alverne Chaves e José Augusto Ribeiro no artigo “*O tema da iniciação no mito de Teseu*”, e do argentino Carlos H. Cerdá no artigo “*La Diversidad Posmoderna*”.

O artigo “*Mito e Ideologia*”, de Nildo Viana, um especialista no tema da ideologia a partir da visão marxista, abriu oportunidade para um diálogo muito enriquecedor. A princípio, o artigo destoava de nossa convocatória, pois operava numa perspectiva explicacionista (no sentido de “*to explain away*” ou “*resolver*” o mito e a religião), e não compreensiva. Mas a troca de emails ajudou a esclarecer vários pontos, e percebemos o quanto é importante ter um artigo que aponte aspectos nas diferentes teorias sobre o mito que precisam ser melhor abalizados. Muitas vezes o pesquisador precisa ser lembrado de que existem interesses subentendidos, em toda parte. Nessa mesma linha, temos o artigo de Jair Araújo de Lima: *Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno*, que faz sua crítica sobre as extrapolações inadequadas do conceito. Certamente que a crítica da modernidade continua válida, e somente depois de darmos a devida consideração a ela, podemos avançar para outras críticas e aplicações. Aliás, foi isso que o moderno Marx fez ao tomar a crítica de Hume e Feuerbach à religião para levar a discussão a um patamar mais elevado. Agora, podemos fazer o mesmo com as suas críticas.

O artigo de Luciana Celestino (*A Donzela E A Imperatriz*) e o de Carlos Alberto Genz (*Um Retorno Às Origens – Dos Mitos À Educação Ambiental*), bem como o que fala sobre o mito de Teseu, ao qual nos referimos acima, dão uma idéia da importância prática e do enriquecimento estético, em se estudar os mitos, não como curiosidades museológicas, mas como compreensão fundamental do ser.

Outrossim, tivemos a alegria de fazer uma entrevista com o Prof. Boaventura de Souza Santos, quando em uma de suas visitas a nossa Universidade, incluindo-a neste dossiê pela importância de suas reflexões. Na ocasião, em sua palestra, ele abordou rapidamente o tema da religião no processo da globalização contra-hegemônica. Pudemos entrevistá-lo sobre o tema, mas a entrevista permaneceu inédita, pois o periódico no qual ela seria publicada interrompeu sua continuidade, e agora vem muito oportunamente à luz.

Na sessão de poesias, fizemos um sobrevoo na obra magna de Gerardus van der Leeuw, *Fenomenología de La Religión*, nela colhendo um punhado de lindos poemas, e tentamos situá-los no contexto em que foram empregados. A escolha desse livro se deve ao fato de ser uma obra muito referida, mas de difícil acesso e, portanto, muito pouco lida. Contamos com o trabalho de tradução muito competente de Janaína Alexandra Capistrano da Costa. Na contextualização de cada poema, restringimo-nos ao registro daquilo que tornasse as poesias ainda mais encantadoras. Por isso não fizemos ali qualquer discussão com o autor.

Entretanto, queremos observar que na interpretação dos versos de Rilke: “Agrada-me ouvir o

canto das coisas. /Se as tocais: estão inertes, mudas. /Vós as matastes”, tivemos um olhar diverso do autor, o qual aproveitamos este espaço para externar: há um canto das coisas sobre o qual o poeta se debruça, numa escuta silenciosa, à procura de mundos sonoros, além dos sons fonéticos das línguas e da representação das palavras. Coloca-se, nesse caso, uma relação entre linguagem e morte, palavras e coisas, que aponta para o lugar de onde emerge outra relação – a do assassinato de que o “Vós”, certamente o homem, protagoniza.

Ali jazem corpos mudos, inertes, se as toca. O assassinato da linguagem traz a autoria humana: eis o assassino. Para Augusto de Campos isso mostraria, em Rilke, uma “concepção poética na qual o sujeito se deixa absorver pelo objeto”¹. O estudioso e poeta brasileiro remete também à busca que Rilke enceta para transubstanciar o mundo das coisas para a instância da arte, através da qual, estas atingiriam a eternidade. Fala Campos (1994, p. 13): numa carta de 08 de agosto de 1903, a Lou Andreas-Salomé, o poeta escrevia, significativamente: ‘No mundo, a coisa é determinada, na arte ela o deve ser mais ainda: subtraída a todo acidente, libertada de toda a penumbra, arrebatada ao tempo e entregue ao espaço, ela se torna permanência, ela atinge a eternidade.’

Nesse sentido é que se pode articular essa concepção que faz transitar a coisa, no poema, de um status ontológico do fenômeno do aparecer para a instauração do ser – a coisa é. Um fenômeno do religo do ser à coisa. Nisso, poder-se-ia afirmar com Karl-Josef Kuschel, encontrar-se-ia o “processo singular de metamorfose da essência religiosa em sua obra”. Esse olhar permite ampliar o efeito da introdução de Rilke no debate trazido por van der Leeuw em seu livro.

Agradecemos a todos os autores, avaliadores *ad hoc*, revisores, a Mona Lisa Silva nossa auxiliar de editoria, e desejamos que os leitores desfrutem desse dossiê e mantenham viva a dinâmica ininterrupta de reflexão sobre o mito e sobre o fenômeno religioso.

Ilza Matias de Souza
Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

¹ Rilke: poesia-coisa. Introdução, seleção e tradução de Augusto de Campos. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 12. (Coleção Lazuli).